

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Taís Almeida Fanfa

DA TERRA AO AR

PARTILHANDO O UNIVERSO DAS BENZEDURAS

PORTO ALEGRE, 2018

TAÍS ALMEIDA FANFA

DA TERRA AO AR: PARTILHANDO O UNIVERSO DAS BENZEDURAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Zanatta

Banca examinadora:

Profa. Dra. Laura Castilhos – UFRGS

Prof. Dr. Eduardo Veras – UFRGS

PORTO ALEGRE, 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Almeida Fanfa, Taís

Da terra ao ar: partilhando o universo das benzeduras / Taís Almeida Fanfa. -- 2018.

66 f.

Orientadora: Cláudia Zanatta.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-
RS, 2018.

1. Benzeduras. 2. Arte Contemporânea. 3.
Instalação. 4. Vivências. I. Zanatta, Cláudia,
orient. II. Título.

Para Valdéres e Acilon.

À memória de Ceni.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais Valdéres e Acilon por participarem ativamente de meu processo educacional desde o ensino fundamental até a elaboração desta monografia.

Ao meu companheiro Daniel pelo carinho, incentivo e sensibilidade.

À professora Cláudia Zanatta pela sensibilidade, acolhida e paciência com que me orientou.

À tias Rejane e Alverina por aceitarem dividir seu conhecimento ancestral.

À Cerise Gomes pela gentileza com que se dispôs a fotografar um item importante da instalação.

Aos professores Eduardo Veras e Laura Castilhos que fazem parte da banca examinadora.

Aos artistas Antônio Augusto Bueno, Carla Magalhães e Loraine Oliveira agradeço pelo convite para participar da exposição Iemanjá e por aceitarem participar da ação promovida por mim durante a exposição.

À Mayã Fernandes pelas reflexões acerca da arte e vida.

RESUMO

A pesquisa *Da terra ao Ar: partilhando o universo das benzeduras* apresenta um percurso poético artístico compartilhado, tendo como foco e análise as benzeduras e seu entorno. A prática das benzedoras dialoga com a arte participativa, especialmente com a proposta *Estruturação do Self* da artista Lygia Clark. A metodologia aplicada foi cinco ensaios visuais denominados laboratórios dos quais resultaram em dois altares moldura fixos na parede e duas fotografias expostas no chão da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

Palavras-chave: *benzeduras, arte contemporânea, instalação, vivências*

RESUMEN

La investigación *De la tierra al aire: compartiendo el universo de las benzeduras* presenta un recorrido poético artístico compartido, teniendo como foco y análisis las benzeduras y su entorno. La práctica de las benzedoras dialoga con el arte participativo, especialmente con la propuesta *Estructuración del Self* de la artista Lygia Clark. La metodología aplicada fue cinco ensayos visuales denominados laboratorios de los cuales resultaron en dos altares marco fijos en la pared y dos fotografías expuestas en el suelo de la Pinacoteca Barón de Santo Ângelo.

Palabras claves: *benzeduras, arte contemporáneo, instalación, vivencias*

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro 	14
Imagem 2. Banca de chás e ervas medicinais 	15
Imagem 3. Livros da família 	16
Imagem 4. Lygia Clark – Simulação da obra Estruturação do Self, 1984 	19
Imagem 5. Zoé Degani – Eternizando Memórias,1997 	21
Imagem 6. Bará do Mercado Público de Porto Alegre 	22
Imagem 7. Apropriação da obra Eternizando Memórias, 1997 	23
Imagem 8. Eternizando Memórias, 1997 	23
Imagem 9. Grupo Plantadores, 2015. Praça Dom Feliciano – Porto Alegre 	24
Imagem 10. Taís Fanfa – Série Resistência, 2015 	25
Imagem 11. Benzedura Rendido 	27
Imagem 12. Repouso da xícara 	27
Imagem 13. Benzedura de Ar: copo, água, carvão 	28
Imagem 14. Primeira foto vista topo do copo 	28
Imagem 15. Garrafa com fomentação de ervas 	29
Imagem 16. Primeiro teste vista topo fomentação 	29

Imagem 17. Casa de Tia P. – Menino Jesus 	31
Imagem 18. Pátio da casa de Tia P. 	31
Imagem 19. Casa da tia P. – Protetora da varanda 	31
Imagem 20. Casa de Tia M. – São Jorge de parede 	32
Imagem 21. Mão de Tia M. 	32
Imagem 22. Chaveiro de Iemanjá 	33
Imagem 23. Iemanjá 	35
Imagem 24. N. Sra. Navegantes 	35
Imagem 25. N. Sra. da Conceição 	35
Imagem 26. Ayrson Heráclito – Performance Bori MPI2, 2009 	36
Imagem 27. Detalhe da performance Bori – Cabeça de Iemanjá 	36
Imagem 28. Taís Fanfa - Proteção, 2017 	37
Imagem 29. Altar de Tia M. com inserção de objetos industriais 	39
Imagem 30. Altar de Tia P. 	39
Imagem 31. Altares fictícios 	40
Imagem 32. Minha mãe apresentando as plantas medicinais 	42
Imagem 33. Meu pai apresentando as plantas medicinais 	42
Imagem 34. Nelson Leiner – Caminho dos Santos, 2008 	43

Imagem 35. Michael Craig-Martin – An Oak Tree, 1973 	44
Imagem 36. N. Sra. Aparecida 	45
Imagem 37. São Sebastião 	45

Sumário

1. QUE CORTO?.....	11
2. QUE COZO?.....	13
3. CRIAÇÃO: ONDE A PEDRA É COLOCADA, ONDE O SAL É ESPALHADO.....	16
4. AQUI CRUZO MEU DESTINO.....	24
4.1. LABORATÓRIO I: ELEMENTOS.....	26
4.2. LABORATÓRIO II: ENTREVISTAS.....	29
4.3. LABORATÓRIO III: “PROTEÇÃO”.....	32
4.4. LABORATÓRIO IV: ORATÓRIOS.....	38
4.5. LABORATÓRIO V: AUTORIA COMPARTILHADA.....	40
5. DO OSSO DEU NA CARNE, DA CARNE DEU NA PELE, DA PELE VAI PARA AS ONDAS DO MAR SAGRADO.....	43
6. SALVO ENTREI, SALVO SAIREI, SÃO E SALVO ESTAREI.....	46
7. REFERÊNCIAS.....	47
8. ANEXOS.....	50

1. QUE CORTO?

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um percurso em Artes Visuais relacionado ao universo das benzeduras e de elementos de seu entorno.

A pesquisa traz conceitos que tocam a ordem do sensível, do doméstico, do mistério, da fé.

Fazem parte do presente TCC uma metodologia de trabalho a qual denominei de “laboratórios”. Ao longo da pesquisa, foram realizados cinco laboratórios, sendo um laboratório apresentando os elementos utilizados para realização das benzeduras de ar¹ e quebranto² e rendido³; o segundo entrevista as minhas tias benzedadeiras; o terceiro a participação na exposição coletiva “Iemanjá” para a qual desenvolvi a instalação “Proteção” e a ação “Doação”; o quarto apresenta os altares que figuram nas residências das benzedadeiras; e o último uma ação conjunta com meus pais, tendo como base a fotografia. Como desdobramento dos laboratórios foi gerada uma instalação a ser apresentada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS, intitulada “Da terra ao ar” constituída de dois alteres moldura fixos na parede cada um contendo uma fotografia tamanho A6, molho de manjerição, barquinho de veludo ou papel (oratório mãe); copo com arruda, desenho de um coração fixado com alfinete (oratório pai); e duas fotografias tamanho A2 expostas lado a lado no chão formando um tríptico.

Para situar a pesquisa no campo das Artes Visuais apresento artistas que dialogam com a temática da espiritualidade e terapia, além de trazer referências autobiográficas que motivaram e teceram esse projeto.

1 - Ar: Dor provocada por corrente de ar.

2 - Quebranto: Doença característica de crianças causada pelo mau-olhado. O portador do quebrando apresenta bocejo constante, tristeza, moleza corporal.

3 - Rendido: Deslocar, desarticular (ossos e nervos).

Com a pesquisa, procurarei aprofundar uma vivência pessoal que tenho sobre o universo das benzeduras, refletindo sobre o tema e relacionando-o à arte contemporânea. Também são objetivos desse trabalho produzir uma metodologia para tratar do assunto na minha poética e buscar a participação de familiares no processo, pois a relação de meus antepassados com a prática da benzedura é a origem do interesse pelo tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

2. QUE COZO?

D. Ceni – minha avó materna – foi muito procurada por saber curar de *rendido*. Ela recepcionava os consulentes em sua cozinha ou sala, perguntava o que a pessoa estava sentindo. Em seguida, explicava como a benzedura funcionava e dava início ao ritual composto dos seguintes objetos: água fervente, uma xícara, um pires, uma agulha, linha e de tecido preto, um guardanapo. A preparação constava em colocar a água fervente na xícara, virá-la sobre o pires e aplicar guardanapo sobre a xícara para que o consulente pusesse o pé ou a mão para não se queimar. Após a preparação, dava início à reza – com duração de sete a oito minutos.

Benzedoras fazem parte de meu cotidiano desde que eu era muito pequena. Entretanto, o que são benzedoras? Segundo Francimário dos Santos, mestre em Antropologia Social, benzedoras são aquelas responsáveis por realizar súplicas, orações (dirigidas aos santos católicos, às entidades da umbanda, do candomblé e personagens da cultura popular), simpatias e por manipular elementos do reino vegetal, mineral ou animal com o intuito de restabelecer o equilíbrio material, físico e espiritual das pessoas, animais e da natureza. Ele ainda afirma que “para executar esta prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, como “súplicas” e “rezas”, como objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam ajuda” (SANTOS, 2009 – p.12).

Dentre os elementos utilizados durante os rituais de benzedura, figuram: tecido, linha, agulha, tesoura, faca, ramos verdes, copos, água, carvão, entre outros. Algumas regras são apontadas pelas benzedoras como esclarece minha tia em uma das entrevistas⁴: “deve ser praticada à luz do dia (antes do pôr-do-sol), não se recomenda fazer aos domingos e deve ser repetida no mínimo três vezes. Se o sintoma for muito agudo, repete-se três vezes no mesmo dia”.

4 - Entrevista disponibilizada na íntegra no anexo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A antropóloga social Geslline Giovana Braga aponta que os atendimentos das benzedeadas podem ocorrer presencialmente ou à distância do consulente. Eles variam de acordo com a benzedeadora, os rituais são praticados em suas casas, não cobram, tampouco divulgam em massa os atendimentos, “conduzem suas práticas de acordo com lógicas particulares, que dizem sobre o repertório de trajetória de cada benzedeadora” (BRAGA, 2012. p.1). São pessoas, frequentemente, de baixa renda, ensino fundamental incompleto, cujo aprendizado dos saberes e rituais deram-se de forma oral ou receberam um dom divino como algumas benzedeadas costumam apontar.

A presença da prática das benzedeadas em bairros de baixa renda é um dado a ser considerado. Na década de 1950, a prefeitura de Porto Alegre, por exemplo, incentivava a ocupação de periferias da cidade, mas não fornecia infraestrutura necessária e muitas famílias (migrantes vítimas do êxodo rural) se estabeleciam de forma irregular. Acabaram ocorrendo falta de recursos básicos, como saneamento e eletricidade (WARMLING,2011). Sem acesso a esses recursos, nem se cogitava a implantação de postos de saúde, por exemplo. Com o passar dos anos, surgem postos de saúde em todos os bairros de Porto Alegre. Mesmo assim, a procura pelo trabalho das benzedeadas e o uso de plantas medicinais continuou conforme a pesquisa desenvolvida e coordenada pela historiadora Cláudia Feijó da Silva em parceria com a faculdade de Museologia da UFRGS e o Museu comunitário Lomba do Pinheiro, com objetivo de resgatar práticas culturais comuns do bairro: o uso de rezas, benzeduras e plantas medicinais.



Imagem 1. Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro |

Fonte: IPDAE



Imagem 2. Banca de chás e ervas medicinais |

Foto: Autora

As benzedadeiras são também conhecedoras de plantas medicinais com as quais são feitas as fomentações (termo utilizado no sul do Brasil), garrafadas (termo utilizado no norte e nordeste do Brasil), chás. Fomentações ou garrafadas são conservas medicamentosas compostas por várias plantas e algum líquido forte: álcool ou cachaça, onde ficam por alguns dias até *curtir*, o nome é sugestivo, pois as conservas são acondicionadas em garrafas de vidro chamadas de *litro*.

Desde criança, lembro-me do canteiro das plantas, temperos e ervas medicinais, cultivado pelos meus avós e meus pais. Em nossa casa, chás, fomentações, compressas, são utilizadas para auxiliar as dores de cabeça, ouvido, picadas de insetos, por exemplo, basta ir até o quintal e colher o remédio natural. Obviamente, não substituímos a medicina tradicional pela popular, apenas fazemos uso das plantas medicinais em casos de sintomas leves, que não necessitam de um atendimento específico.

Dois livros que integram a biblioteca da minha família são Manual das Plantas Medicinais (KÖRBES, 1991) e A Farmácia da Natureza (ZATTA, 1993). Ambos os títulos apresentam, em suas notas introdutórias, a importância da elaboração de um manual para uso medicinal das plantas em função de suas propriedades medicinais, tendo em vista as comunidades carentes e/ou rurais desprovidas de assistência médica. O contexto brasileiro para boa parte da população é marcado pela: “[...] falta de saúde, a falta de recursos, o difícil acesso a uma boa assistência e a falta de orientação para conservar a saúde ou recuperá-la” (KÖRBES, 1991). Irmão Cirilo Körbes refere-se principalmente às comunidades interioranas cujo acesso a recursos médicos não era possível. Com o êxodo rural brasileiro (década de 1950-1960), parte dessa população se deslocou para as capitais, como no caso de Porto Alegre, trazendo consigo muitas mudas de plantas medicinais.



Imagem 3. Livros da família | Foto: Autora

Todavia, o que a prática das benzedeiras e o cultivo e uso de determinadas plantas teria a ver com arte? E por que tal tema passou a me interessar tanto a ponto de se fazer presente em minha prática artística?

3. CRIAÇÃO: ONDE A PEDRA É COLOCADA, ONDE O SAL É ESPALHADO

Durante a realização deste TCC, perguntava-me como se relacionaria a prática das benzedadeiras com a arte contemporânea. Iniciei pesquisas sobre o assunto envolvendo arte, práticas espirituais e terapias. Uma das referências brasileiras fundamentais cuja prática relaciona arte e terapia é a obra de Lygia Clark⁵. A artista Lygia Clark, ao longo de sua trajetória, passa da pintura para a produção de objetos, (dentre eles os *objetos relacionais* sacos com água, areia, plantas, conchas, sementes, entre outros) e, posteriormente, para uma prática diretamente ligada à arte terapia. Conforme se encontra na biografia de Lygia, disponível no site “O Mundo de Lygia Clark”:

As obras querem ganhar o espaço. O trabalho com a pintura resulta na construção do novo suporte para o objeto. Destas novas proposições nascem os “Casulos, 1959”. Feitos em metal, o material permite que o plano seja dobrado, assumindo uma busca da tridimensionalidade pelo plano, deixando-o mais próximo do próprio espaço do mundo. Em 1960, Lygia cria a série “Bichos”: esculturas, feitas em alumínio, possuidoras de dobradiças, que promovem a articulação das diferentes partes que compõem o seu “corpo”. O espectador, agora transformando em participante, é convidado a descobrir as inúmeras formas que esta estrutura aberta oferece, manipulando as suas peças de metal. Com esta série, Clark torna-se uma das pioneiras na arte participativa mundial.

[...] Lygia estabelece um vínculo com a vida, e podemos observar este novo estado nos seus “Objetos Sensoriais, 1966-1968”: a proposta de utilizar objetos do nosso cotidiano (água, conchas, borracha, sementes), já aponta no trabalho de Lygia, por exemplo, para uma intenção de desvincular o lugar do espectador dentro da instituição de Arte, e aproximá-lo de um estado, onde o mundo se molda, passa a ser constante transformação. (Biografia de Lygia Clark, 2017)

5 - Lygia Clark (BeloHorizonte 1920 – Rio de Janeiro 1988) pintora, escultora, arteterapeuta. Inicia seus estudos com Roberto Burle Max e Zelia Salgado no Rio de Janeiro (1949). Em 1950, em Paris, estuda com Arpad Szènes, Dobrinsky e Fernand Léger. Participa da I Exposição de Arte Neoconcreta (1957) em São Paulo, juntamente a Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Pape, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis.

Ao retornar da França, em 1976, Lygia transforma seu apartamento no Rio de Janeiro em ateliê/consultório onde passa a desenvolver a *Estruturação do Self*. Trabalho com duração de uma hora, composto de três encontros semanais, voltado a práticas sensoriais com clientes individuais. As sessões buscam acessar a memória, os medos, as fragilidades dos clientes por meio de diferentes objetos que provocam sensações de peso, leveza, por exemplo.

No documentário *Memórias do Corpo* (1984)⁶, dirigido por Mario Carneiro, Lygia simula uma sessão de *Estruturação do Self*. No documentário, Lygia inicia apresentando os objetos utilizados, em seguida há um testemunho de Lula Wanderley, cliente e amigo da artista, e, por fim, a simulação da sessão. O cliente deita em um colchão muito macio, com isopor dentro, após, Lygia esfrega suas mãos a fim de energizá-las e coloca sobre a cabeça e depois sobre o corpo de Wanderley. Dessa forma, ela vai distribuindo objetos sobre o corpo. Ao término da sessão, Wanderley compartilha as sensações que a terapia provocou.

Estruturação do Self é uma obra de cunho privado. Segundo Eduardo Augusto Alves de Almeida, mestre em estética e história da arte, “[...] a participação era restrita o suficiente para que a própria palavra “público” pareça inadequada. Público pressupõe o acesso de todos os interessados – penso na expressão “espaço público”, por exemplo – e não era o caso”. Ele ainda explica que “[...] Lygia chama seu público de cliente, porque ela cobrava pelas sessões mesmo porque a artista cobrava por suas sessões, o que o que ressalta certo significado comercial do termo.” (ALMEIDA, 2013. p. 98).

6 - Memória do Corpo, 1984. Direção: Mário Carneiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ymjW6yVKAg>>. Acesso em: 30/07/2017.



Imagem 4. Lygia Clark – Simulação da obra Estruturação do Self, 1984 |
Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ymjW6yVKAq>> |

Lygia Clark é uma referência importante para essa monografia, pois estabelece uma relação próxima com ritual da benzeção no âmbito da dimensão do encontro sagrado entre paciente e benzedeira ou, no caso das experiências de Lygia, cliente e terapeuta. Eduardo Almeida, em sua dissertação, apresenta um trecho da entrevista realizada por Suely Rolmik ao psiquiatra de Lygia, Pierre Frédida, o qual aponta para o sentido do sagrado na obra da artista.

O que acontece com a obra de arte afinal, é da mesma ordem que a criação de um templo, isto é, um *templum* onde a pedra é colocada, onde um espaço é desenhado e aonde os deuses podem chegar. Não é outra coisa, não quero dizer religião, mas que é sagrado – afinal, um encontro humano deveria ser sempre assim, sagrado. E creio que a obra de Lygia Clark há relação com o sagrado sob a condição de que o sagrado não seja fanatizado, capturado pela religião.” (ALMEIDA, 2013, p.40).

Ao assistir ao documentário, percebo que alguns dos gestos realizados por Lygia são semelhantes aos de uma benzedeira, por exemplo, ao energizar as mãos antes de tocar no paciente, a forma como o ritual da terapia ocorre tem semelhanças ao rito conduzido em uma benzeção: a artista atua energizando o cliente, usando alguns elementos específicos produzidos por ela mesma.

Outra obra que traz uma contribuição importante para essa monografia é *Eternizando a Memória* (1997), da artista Zoé Degani². A obra citada foi realizada em coautoria com a escultora Bia Boleman. A instalação *Eternizando Memória* (1997) foi realizada no segundo andar do Mercado Público Municipal de Porto Alegre. A obra era composta por duas toneladas de sal espalhadas pelo chão e bacias cheias de carvão suspensas por correntes. Zoé Degani, em entrevista ao jornal Zero Hora, comenta que a instalação aborda “os princípios da energia e do alimento, fonte de vida e essência do mercado”. A instalação foi apropriada pelo público de modo espontâneo que a chamou de “*Sala de Energização*” e/ou “*Sala do Sal*”. O público era composto de diferentes faixas etárias, bem como classe social e orientação religiosa. O mercado na época abria às 10h da manhã, e, às 6h, já se formava uma fila ao lado de fora para visitar a sala. Ônibus chegavam lotados do interior, vindos só para conhecer a instalação, quase que como uma romaria (Zero Hora, março de 1997).



Imagem 5. Zoé Degani – Eternizando
Memórias, 1997 |

Fonte: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77888/000897706-03.pdf?sequence=3>> |

7 - Zoé Degani, artista, cenógrafa e performer (Rio Grande, RS, 1957). Zoé Degani ingressa na escola de Belas Artes de Rio Grande (1971), de onde será expulsa, mas, posteriormente, continua sua pesquisa e produção artística. Entre 1976 e 1982, ministra aula de educação física e ginástica rítmica em escolas. Participa do primeiro Salão de Artes Visuais, em 1986. Exibe sua primeira performance com texto e atuação próprias (temas ecológicos e políticos: denúncia a poluição das águas dos mares e lagoas de sua região e o consequente nascimento das crianças anencefálicas), em 1988. (Gianuca, 2015. p. 36). Conforme Lyndasay Tarouco Gianuca, autora da dissertação *O oceano Cênico de Zoé Degani: por uma cenografia plural*, a artista prefere viver no anonimato, ressaltando mais sua obra que seu nome.

Os participantes atribuíram um valor místico religioso à instalação de Zoé Degani, especialmente, em função dos elementos utilizados na proposta (bacia, carvão e sal), pois estão diretamente ligados ao sincretismo presente no mercado onde ao centro está assentado⁸ o Orixá Bará (entidade de matriz africana responsável pela abertura de caminhos, guardião das casas e da cidade, representa o trabalho e a fartura).

Em sua instalação, Zoé Degani invoca conceitos como efêmero, memória, bem como utiliza objetos extraídos do cotidiano de fácil reconhecimento. O público sentiu-se pertencente ao lugar a ponto de apropriar-se da instalação. Zoé aponta para o compartilhamento da sua obra com o espectador:



Imagem 6. Bará do Mercado Público de Porto Alegre | Foto: Autora |

As coisas são muito inusitadas e isso é o melhor, é o mais interessante, é quando eu consigo... [...] Que nem “nas maçãs...” não estava combinado que a Daggi (Daggi Dornelles, bailarina e coreógrafa) ia dançar lá, ela simplesmente viu a instalação e perguntou se podia fazer alguma coisa ali e eu disse: “é claro”. Que é essa coisa da obra entregue, como a “sala do sal”, isso que sempre acontece no meu trabalho e eu acho a melhor parte: é as pessoas se apropriando e fazerem o que quiserem com a obra. [...]. (GIANUCA, 2015, p.3)

Gianuca chama atenção para o teor relacional da obra de Zoé, além da relação com o público, também com o espaço “[...] neste sentido, a relação com o espaço extrapola o caráter arquitetural e pictórico, invade outros territórios através da aderência de signos estéticos ao espaço das encenações” (GIANUCA, 2015, p.4).

8 - “Assentar” significa fixar o orixá em determinado objeto por meio de práticas rituais específicas. Este objeto – chamado pelos praticantes da religião de ocutá – foi enterrado no chão do Mercado, exatamente no seu centro, significando que o orixá está ali, podendo ser visitado, cultuado e receber oferendas dos adeptos da religião. Fonte: blog Memorial do Mercado. Disponível em < <http://memorialdomercado.blogspot.com.br/2009/04/o-bara-do-mercado.html> > Acesso em: 14/10/2017.

As práticas denominadas “relacionais” foram especialmente tratadas pelo crítico francês Nicolás Bourriaud⁹ na década de 90, indicando a forte presença da participação do público nas propostas. Ele, inclusive, denominou de estética relacional esse tipo de proposta artística.

A referência de Zoé Degani foi importante para pensar a expografia de meu trabalho. Se a instalação *Eternizando memória* acessa o público do mercado central que está acostumado a manifestações religiosas que, por vezes, utilizam elementos presentes na obra de Zoé de modo que experienciaram, reinterpretaram e apropriaram-se da obra apesar de dispor de elementos que podem remeter a usos ritualísticos. Como se dará a interação com o público frequentador do Instituto de Artes ou de outros espaços onde a instalação que proponho ocorrerá?



Imagem 7. Apropriação da obra Eternizando Memórias, 1997 | Fonte: <http://hdl.handle.net/10183/77888> |



Proposta artística: a sala está coberta de sal grosso e do teto pendem bacias de carvão

Imagem 8. Eternizando Memórias, 1997 | Fonte: Jornal Zero Hora, março de 1997 |

9 - BOURRIAUD, Nicolás. *Estética Relacional*. Martins Fontes, 2009.

4. AQUI CRUZO MEU DESTINO

Em 2016, participei como bolsista de extensão do projeto Arte, Ecologia, Cidadania: Um Campo Fértil¹⁰, no qual foram realizadas inserções artísticas e plantio de mudas em canteiros de passeio da cidade de Porto Alegre, a fim de melhorar o cultivo das plantas. Desenvolvemos grupo de estudos, seminários e a publicação eletrônica (blog) a respeito das relações entre arte, ecologia, cidadania e moradores de Porto Alegre. A equipe do projeto foi composta de alunos da graduação e pós-graduação, além deles, participaram das inserções de forma direta ou indireta transeuntes, um morador de rua, servidores de limpeza urbana, amigos e familiares dos integrantes do projeto. Ressalto a participação de meus pais ao doarem constantemente mudas ao projeto.



Imagem 9. Grupo Plantadores, 2015. Praça Dom Feliciano – Porto Alegre | Foto: Ricardo Moreno

10 - Grupo de extensão universitária, UFRGS, formado em 2015, sob orientação da profa. Dra. Cláudia Zanatta. Documentação sobre a pesquisa disponibilizada no site:<<http://projetoplantadores.wixsite.com/ufrgs>>. Acesso em: 10/05/2017.

Durante a participação no projeto, retomei uma série fotográfica chamada *Resistência*, cujo início se deu nas redes sociais (entre os anos de 2013 e 2014) na qual eu atualizava a foto de meu perfil com imagens de flores ou plantas, ora murchas, ora vivas representando meu humor ou estado emocional. Ao entrar para o projeto Plantadores, continuei a série, passando a fotografar vegetação, plantas e árvores que germinavam em locais não planejados da cidade como muros, paredes, topo de prédios.



Imagem 10. Taís Fanfa – Série Resistência, 2015 | Foto: Autora

A produção poética realizada durante minha participação no projeto *Plantadores* é importante porque aponta os rumos que o trabalho de conclusão tomou. O manuseio das plantas é uma tradição familiar durante o projeto. Pude estreitar laços familiares por meio do cultivo de algumas espécies. Saliento a participação de minha família ao doar as mudas para o projeto. Isso se reflete de algum modo na pesquisa atual, pois tenho a participação de meus familiares (pai e mãe) na elaboração de algumas peças (costura e tingimento de patuás, montagem dos altares moldura, participação em imagens fotográficas).

A partir dos *Plantadores*, o tema da metodologia passou a ter uma importância significativa, pois, nas reuniões do grupo, discutíamos em detalhe como, onde e quando faríamos as ações de plantio urbano. Algumas vezes, inclusive, nossas rotas de trabalho foram alteradas e repensadas devido à vigilância dos espaços públicos. No presente TCC, como havia muitas referências de imagens, de narrativas, buscava uma metodologia de trabalho que pudesse me auxiliar a tomar decisões sobre o que falar, mostrar. Minha preocupação também era com o mistério dos elementos que a prática das benzeduras traz. Depois de muitas incertezas, optei por realizar alguns ensaios que chamei de “laboratórios”.

4.1. LABORATÓRIO I: ELEMENTOS

No laboratório I, fotografei os objetos utilizados nas benzeduras de Rendido e Quebranto. A escolha das benzeduras deu-se pelo conhecimento da eficácia do ritual entre benzedoras e consulentes.

O conjunto referente à benzedura de Rendido que fotografei é composto de uma xícara, um pires, agulha, linha e um pequeno tecido na cor preta. Optei por capturar o conjunto, representando o ritual de duas formas: sobre a mesa e embaixo do armário da cozinha – geralmente onde é deixado após o ritual.



Imagem 11. Benzedura Rendido | Foto: Autora



Imagem 12. Repouso da xícara | Foto: Autora



Imagem 13. Benzedura de Ar: copo, água, carvão | Foto: Autora

Os elementos utilizados na benzedura de Quebranto são copo, água, tesoura e carvão. Nesse conjunto optei por apresentar uma variação compositiva, por exemplo, não adicionando a tesoura nas primeiras fotos e em seguida fotografá-la vista de cima (indicação da pré-banca e decisivo para a escolha da foto integrante da montagem). A tesoura, além de esteticamente admirável, colocada sobre o copo é simbólica. Na benzedura de sapinho a benzedeira reza: “*Que corto? - Sapo bravo. - Corto cabeça e rabo em nome de Deus e da Virgem Maria*” e corta um ramo verde com a tesoura fazendo menção ao corte do sapinho.



Imagem 14. Primeira foto vista topo do copo |
Foto: Autora

O último elemento fotografado foi a garrafa de fomentação, muito utilizada pelas benzedadeiras e consulente. A fomentação fotografada é composta de caroço de abacate, gengibre, álcool e chapéu-de-couro, indicada para amenizar dores nas articulações e musculares segundo a medicina popular.

Como as práticas de medicina popular são realizadas junto ao ambiente doméstico, utilizando os poucos recursos, optei por também não recorrer a uso de câmera fotográfica e editores profissionais, tampouco retirar os elementos do seu contexto doméstico; logo as fotos foram realizadas em minha cozinha e sala com luminosidade natural, uma câmera digital amadora *Sony Cyber-Shot 10.1MP* e editor de imagem do *Windows 10*. Fiz ao todo 573 fotos, das quais selecionei 4 imagens para a montagem na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.



Imagem 16. Primeiro teste vista topo fomentação | Foto: Autora



Imagem 15. Garrafa com fomentação de ervas | Foto: Autora

4.2. LABORATÓRIO II: ENTREVISTAS

No laboratório II, apresento duas entrevistas¹¹ feitas com tias materna e paterna. A primeira entrevista foi realizada em uma saída de campo, juntamente, com meu pai até a cidade de Butiá, Rio Grande do Sul, em setembro de 2017, onde mora a tia P (irmã mais velha de meu pai). Escolhi ela, pois sempre a tivemos como referência com relação aos conhecimentos de benzeduras e plantas, também por ela morar em uma cidade do interior. A segunda, realizada em Porto Alegre, em novembro de 2017, com a tia M (irmã mais nova de minha mãe), busquei um contra ponto ao estereótipo da benzedeira: senhora de idade, semianalfabeta, moradora de áreas rurais, avessa às tecnologias.

As entrevistas tratam de reafirmar a tradição da transmissão oral dos conhecimentos por parentes próximos; mostram que algumas benzeduras são de conhecimento comum: quebranto, rendido e ar e reafirmam a benzedura como prática complementar à saúde nos dias atuais. Nas entrevistas, as benzedeiros apontam que as benzeduras não devem ser cobradas e que os seus atendimentos são voltados principalmente para pessoas conhecidas. Elemento comum encontrado nas casas das duas entrevistadas foi o oratório, elemento que posteriormente se revelou fundamental para desenvolver um laboratório sobre o assunto nesse TCC. Inclusive, na montagem final do trabalho na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo apresento duas estruturas, em madeira, inspiradas nos oratórios.

11 - As entrevistas estão disponibilizadas na íntegra no anexo dessa pesquisa.



Imagem 17. Casa de Tia P. –
Menino Jesus | Foto: Autora



Imagem 19. Casa da tia P. –
Protetora da varanda | Foto: Autora



Imagem 18. Pátio da casa de Tia P. | Foto: Autora



Imagem 21. Mão de Tia M. | Foto: Autora



Imagem 20. Casa de Tia M. – São Jorge de parede |
Foto: Autora

4.3. LABORATÓRIO III: “PROTEÇÃO”

O laboratório III é o registro de minha participação na exposição coletiva “Iemanjá”¹². Apesar de essa monografia não abordar o tema do sincretismo, foi necessário falar a respeito, visto que os caminhos do conhecimento popular e religião cruzam-se. Como o nome sugere da exposição sugere, podíamos utilizar mais variadas linguagens pintura, desenho, aquarela, escultura, vídeo, performance para representar a orixá Iemanjá. Como não conhecia o universo religioso afro-brasileiro, uma das únicas referências que tenho à Iemanjá é a imagem de uma mulher caucasiana, de cabelo preto comprido, com vestido azul longo que parece caminhar sobre águas (lembração da primeira imagem da orixá).

Segundo Rogério Trindade, a partir do século XVI, com o comércio atlântico de escravos provenientes de países Guiné, Benin, Angola, Togo, Gana, Moçambique, o contato do europeu foi marcado pela intolerância e inflexibilidade ao deparar-se com a ritualística praticada pelos africanos, que foram obrigados a abandonar suas crenças em prol do catolicismo. Conforme afirma o pesquisador Rogério Trindade, mestre em artes visuais, “as ações catequizadoras dentro de navios negreiros podem ser consideradas como uma espécie de sincretismo religioso, talvez a primeira ação sincrética a que o homem africano tenha sido submetido” (TRINDADE, 2013. p.67). Logo, a representação dos orixás na orma caucasiana ocorre pela necessidade desse novo brasileiro ter de pertencer ao catolicismo encontrando uma forma de representação simbólica de seus deuses orixás, surgindo o chamado sincretismo. Para o sociólogo José Reginaldo Prandi:



Imagem 22. Chaveiro de Iemanjá | Foto: Autora

12 - A exposição fez parte do Colóquio “Das Deusas – Gênero, Arte e filosofia”, coordenado pela prof. Katrin Rosenfield. A exposição coletiva Iemanjá contou com a participação de Anico Herskovitz, Carla Magalhães, Elisa de Castro, Fernanda Manéa, Lia Leticia, Loraine Oliveira, Taís Fanfa, Saionara Sosa e Zoravia Bettiol. Período de visitação 22/09/2017 a 13/10/2017 no Ateliê Jabutipe, em Porto Alegre. O objetivo do projeto foi privilegiar a produção de artistas mulheres acerca de divindades femininas.

O sincretismo representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo que pressupõe, antes de mais nada, a existência de dois polos antagônicos que presidem todas as ações humanas: o bem e o mal; de um lado a virtude, do outro o pecado. Essa concepção, que é judaico-cristão, não existia na África. As relações entre seres humanos e os deuses, como ocorrem em outras religiões politeístas, eram orientadas pelos preceitos sacrificiais e pelo tabu, e cada orixá tinha suas normas prescritivas e restritivas próprias aplicáveis aos seus devotos particulares, como ainda se observa no candomblé, não havendo código de comportamento e valores único aplicável a toda sociedade indistintamente, como no cristianismo, uma lei única que é a chave para o estabelecimento universal de um sistema que tudo classifica com sendo do bem e do mal, em categorias mutuamente exclusivas. (TRINDADE, 2002. P. 73)

Então, quem é Iemanjá? Iemanjá é orixá de origem Iorubá, seu nome deriva da expressão Yeyé Omo Ejá (mãe cujos filhos são peixes); seus domínios são a maternidade, saúde mental e espiritual (rege a cabeça); seu dia é o sábado; suas cores o azul, branco, prateado e rosa; gosta de canjica branca refogada com cebola e dendê, arroz branco com cebola e dendê ou mel, manjar, maxixes refogados com azeite de oliva, arroz de leite, bolas de inhame e frutas verdes. Bebe vinhos brancos, espumantes e água. No Brasil, ela é sincretizada com Nossa Senhora dos Navegantes (padroeira de Porto Alegre) e Nossa Senhora da Imaculada Conceição.¹³

13 - CABRERA, Lygia. Iemanjá & Oxum. Iniciações, Ialorixás e Olorixás. São Paulo: Edusp, 2004.



Imagem 25. N. Sra. da Conceição | Fonte: Wikipédia |



Imagem 23. Iemanjá | Fonte: <http://perdido.co/2015/02/yemanja-senhora-da-vida-rainha-do-mar/>



Imagem 24. N. Sra. Navegantes | Fonte: Wikipédia

Ao pesquisar sobre o assunto em Artes Visuais, encontrei a performance “Bori”, de Ayrson Heráclito, cujo artista, vestido de branco e pés descalços, cobre a cabeça de doze performers com alimentos correspondentes aos doze principais orixás do candomblé. O artista explica em seu blog que se trata de um ritual poético inspirado na “prática de ofertar alimentos para cabeças que nas religiões de matriz afro-brasileiras significam nutrir a alma, evocar proteção. Bori: da fusão *bó*, que em ioruba significa oferenda, com *ori*, que quer dizer cabeça, literalmente traduzido significa “Oferenda à Cabeça”.



Imagem 26. Ayrson Heráclito – Performance Bori MPI2, 2009 | Fonte: <http://ayrsonheraclitoart.blogspot.com.br/2009/09/bori-performance-art-oferenda-cabeca.html>



Imagem 27. Detalhe da performance Bori – Cabeça de Iemanjá | Fonte: <http://ayrsonheraclitoart.blogspot.com.br/2009/09/bori-performance-art-oferenda-cabeca.html>

O trabalho do Ayrson ajudou-me a pensar na relação dos orixás por meio do uso de elementos específicos, como os alimentos de cada orixá, no caso de Yemanjá, o arroz. Ao contrário de Ayrson, nas propostas que faço, não me aproximo do caráter espetacular e teatral da performance e optei pela instalação singela e sutil, pois, ao pensar na figura da Iemanjá, associei-a às noções de cuidado, amparo, auxílio de mãe. Foi a partir desses conceitos que resultou a instalação intitulada “*Proteção*”, composta de arroz, saquinhos com arroz empilhados envoltos por tecido de algodão (patuá, bréve) sobre um prato. A confecção da instalação foi em parceria com minha mãe. Foi ela quem cortou e costurou os patuás, além de ajudar a tingir o tecido de algodão na cor azul.



Imagem 28. Taís Fanfa - *Proteção*, 2017 | Foto: Antônio Augusto Bueno

Patuá é um saquinho retangular de tecido ou couro (sintético ou natural) caseado com linha grossa, o nome bordado e as cores da divindade protetora. Dentro, são colocados ervas, objetos mágicos ou orações. Costumeiramente, utilizado por praticantes de religiões de matriz africanas como Candomblé, Umbanda, Batuque. O uso de amuletos está presente em muitas culturas em diferentes épocas, por exemplo os católicos fazem uso de amuleto chamado de relicário.

O trabalho tornou-se participativo, pois teve um momento de “Entrega” no qual foram distribuídos alguns patuás para artistas e alguns participantes durante a vernissage da exposição. Basicamente, eu me aproximava com um saquinho azul e entregava o patuá, dizendo o seu significado. Todos, ao receber, agradeceram e alguns já passaram a usá-lo na carteira ou dentro da bolsa. Duas artistas retribuíram o presente: uma, com uma pedrinha trazida do México, a outra, com uma Pastelina (salgadinho).

Pude perceber o quanto foi potente a entrega do patuá; ao recebê-lo, automaticamente, as pessoas retribuíram com um sorriso, abraço ou mesmo outro presente. Era exatamente essa a reação das pessoas benzidas por minha avó. Também me chamou atenção o caráter relacional do objeto patuá, é como se a obra se espalhasse, produzindo potência que não ocorreria se permanecesse na instalação.

4.4. LABORATÓRIO IV: ORATÓRIOS

Os altares ou oratórios domésticos, elementos merecedores de atenção, estão presentes nos lares das benzedeadas, local onde ela acessa o sagrado estabelecendo uma relação com o divino. Estão presentes objetos religiosos, plantas, imagens e estátua de santos e entidades de matriz afro-brasileira, *ex-votos*, e objetos “industriais”, *arranjados em função de sua estética ou resinificação e usos rituais* (BRAGA, 2011. p.8). Conforme a antropóloga Geslline Giovana Braga, os altares estão instalados nas salas ou em quartos. Algumas benzedeadas “*tem um cômodo exclusivo para bençãos, passam a existir dois ou mais altares na casa, na sala ou dentro do quarto*” (BRAGA, 2011. p.8). Cada uma tem seu próprio jeito e local para instalar seu altar: alguns encontram-se sobre uma mesa – cobertos por uma toalha ou guardanapo de crochê – em prateleiras, dividem espaço dentro de

estantes ou armários. Na casa das duas entrevistadas, pude constatar a presença dos altares de parede e armário, localizados no quarto e sala, respectivamente.

O que merece destaque nos altares domésticos são os arranjos estéticos dos objetos. Muitas vezes, as instalações artísticas e os altares das benzedadeiras têm pontos de contato no que diz respeito a produção de significados:

[...] a obra artística é instalada a fim de produzir significado, da mesma maneira a benzedeira o faz em seu altar. A benzedeira inicialmente dispõe de objetos já associados ao sagrado de forma simbólica. O que torna a construção do altar próxima das instalações é a profusão e resignificação dos objetos e a montagem dos arranjos, a agência se consolida na ação e interação entre os objetos. O excesso desses objetos, juntados aos outros de natureza não sagrada, e a maneira como são distribuídos e acionados, torna a prática conceitual, formando sistemas simbólicos que atuam em diferentes camadas, produzindo diversos significados e garantindo eficácia simbólica à benzedeira. (BRAGA, 2011. p.15)



Imagem 30. Altar de Tia P. | Foto: Autora



Imagem 29. Altar de Tia M. com inserção de objetos industriais | Foto: Autora

Nesse laboratório fiz uma reconstituição de altares dos quais tinha lembrança somados a referenciais encontrados na internet e os altares vistos durante as entrevistas. Adicionei objetos sagrados e industriais, encontrados em minha casa, sem estabelecer uma distinção entre sagrado e cotidiano, como cita a tia M sobre colocar as chaves no altar, por ser um lugar de fácil acesso. Busquei um registro cotidiano e particular de uma benzedeira e seu altar.



Imagem 31. Altares fictícios | Fotos: Autora

4.5. LABORATÓRIO V: AUTORIA COMPARTILHADA

Como licenciada em Artes Visuais, tenho interesse por processos coletivos de criação, fruição, proposição. O professor é um artista propositor, na minha opinião, por isso minha poética está situada no campo das práticas participativas, assim como na gênese de meu processo criativo está o conceito de instalação no que diz respeito ao público a constituir/construir a obra. Já que o público é inerente ao processo, quem seria convidado a integrar essa monografia: pessoas selecionadas conhecedoras dos códigos visuais como os participantes das propostas de Lygia Clark ou populares que constituíram a obra Eternizando Memórias, pessoas íntimas ou distantes? O grau de proximidade interferiria no processo de modo positivo ou negativo? Qual troca poderia ocorrer com este laboratório?

Entre tantas opções, percebi ao longo do TCC o quanto meus pais foram importantes em cada trabalho que vim realizando ao longo dos anos. Em muitos deles, foram coparticipantes (fornecedores de mudas, costurando patuás, fotografando, acompanhando as visitas às benzedeadas).

Foi assim que no V Laboratório percebi como natural a participação de meus pais quando me voltei para observar as plantas de nosso jardim. Pedi que me apresentassem a planta que fosse mais significativa para eles. Assim, cada um me mostrou e tirei uma foto desse momento.

Essa proposição se deu como uma documentação e representação simbólica do conhecimento oral transmitido de geração em geração. Enquanto eles explicavam o nome e o significado de cada planta, eu os fotografava. A escolha de não fotografar o rosto é em referência ao conhecimento oral do qual em geral sabemos o significado, mas desconhecemos a autoria.

Era visível o orgulho de meus pais ao repassar um conhecimento ancestral do qual eles fazem uso e aprenderam com seus respectivos pais ou parentes próximos. Ambos se preocuparam em lembrar de todas as plantas, pois segundo minha mãe “devemos repassar esse conhecimento para os mais jovens para não ser esquecido”. Meu pai, por sua vez, fez questão de encontrar um pé de figueira do qual fora extraída uma muda e doada para o projeto Plantadores “foi daqui que eu colhi a muda para ti levar para aula, te lembra?”.



Imagem 32. Minha mãe apresentando as plantas medicinais | Fotos: Autora



Imagem 33. Meu pai apresentando as plantas medicinais | Fotos: Autora

5. DO OSSO DEU NA CARNE, DA CARNE DEU NA PELE, DA PELE VAI PARA AS ONDAS DO MAR SAGRADO

Como apresentar a essência dessa monografia no espaço expositivo da Pinacoteca do Instituto de Artes? Seria uma apresentação documental dos objetos utilizados nos rituais de benzeduras, fragmentos das entrevistas, fotos dos laboratórios? Em um primeiro momento, cogitei trabalhar com o acúmulo e a repetição de um objeto ritualístico, referenciando o conceito de “arte do excesso” no qual o poder da benzedeira é medido pelo acúmulo de imagens¹⁴ e ex-votos dispostos em seu altar (BRAGA, 2012, p.11). Por outro lado, o excesso, a repetição são conceitos explorados com frequência na arte contemporânea, por exemplo, o trabalho “*Caminho dos Santos*” (2008), de Nelson Leiner. A partir dos laboratórios e da pré-banca, optei por não trabalhar com conceito de acúmulo, e, sim, com poucos elementos que fossem como um extrato do caminho percorrido até a instalação.

Após uma análise dos laboratórios, concluí alguns pontos norteadores para a montagem são eles: mistério inerente aos rituais de benzeção, poucos elementos presente na instalação, e a participação de meus pais no processo de montagem. Visitei a Pinacoteca, analisei os espaços e decidi por uma montagem sutil e sucinta. Para pensar a expografia, recorri ao trabalho de Michael Craig-Martin, “Um Carvalho” (1973), indicado na pré-banca. A obra apresenta um copo com $\frac{3}{4}$ de água sobre uma prateleira de vidro, e uma entrevista impressa, ao lado, explicando como o artista transforma o copo d’água em um carvalho. É um trabalho conceitual, logo os elementos são quase dispensáveis.



Imagem 34. Nelson Leiner – Caminho dos Santos, 2008 | Fonte: <https://tecituras.files.wordpress.com/2012/11/leimer-caminho-de-santos-20081.jpg?w=469>

14 - Entendemos aqui por imagem representação fotográfica, escultórica, pictórica ou impressa de santos, entidades de matriz afro-brasileira, médiuns e personagens da cultura popular não canonizados pela Igreja Católica Apostólica Romana.



Imagem 35. Michael Craig-Martin – An Oak Tree, 1973 - 15 x 46 x 14cm |

Fonte: <http://www.michaelcraigmartin.co.uk/work-index#/early-work/>

Quais são os elementos imprescindíveis para o meu trabalho? Qual suporte devo utilizar? Quero a interação público-obra? Será uma escolha solitária ou participativa? Em consonância com a proposta participativa desse TCC, convidei meus pais a integrar uma parte da montagem chamada de *altar moldura* em referência ao laboratório IV. Trata-se de duas molduras de madeira Pinus 30x60x9cm, uma direcionada a minha mãe e outra a meu pai. Apresentei o projeto expográfico e solicitei a cada um que escolhesse os objetos a compor seus altares.

Inicialmente, meus pais partiram de referências de altares católicos, por exemplo, a escolha de imagens de santos, velas, castiçais, uma ressalva para escolha da arruda (elemento sincrético da composição). Chegamos ao acordo sobre a planta permanecer, no entanto a representação dos santos deveria partir deles, de preferência não explícita. As velas e castiçais saíram também da composição.



Imagem 36. N. Sra. Aparecida |
Fonte: <http://cleofas.com.br/1210-nossa-senhora-aparecida/>

Para a minha mãe, propus que pensasse na representação de Nossa Senhora Aparecida a partir de um detalhe da história ou imagem da santa. A imagem de Nossa Senhora foi encontrada por pescadores, logo eu lembrei dos barquinhos de papel que minha mãe costuma fazer tão característico dela, ao encontrar um pedacinho de papel e transformá-lo em um barco. Ela gostou da ideia e acrescentou “*vou fazer o barquinho de tecido e colocar alguns detalhes*”. Adorei a forma como minha mãe acolheu meu palpite e transformou-o. Além do barquinho, estará presente um molho de manjerição e uma foto A6 (a ser escolhida por mim dentre as fotos do laboratório “*autoria compartilhada*”).

Meu pai, por sua vez, me fez uma contraproposta: “*olha para a imagem de São Sebastião e me diz o que te chama a atenção*”. Nesse momento, percebi a potência da proposição artista e participante trocam de papéis. Voltando à proposta de meu pai, o que me chama a atenção é a quantidade de flechas no corpo do santo. Decido desenhar

um coração e fixá-lo com vários alfinetes. Além desses elementos, o altar de meu pai terá um copo ou vaso com arruda e uma foto A6 (a ser escolhida por mim dentre as fotos do laboratório “*autoria compartilhada*”).

O próximo passo foi a confecção dos alteres. Eu fiz a medição e cortei, minha mãe fez alguns registros fotográficos, meu pai fez o corte de 45° para formar a esquadria.

Além do altar moldura, precisava resolver como apresentar outros objetos fotografados no laboratório I. Na pré-banca, fora sugerido que eu fotografasse os objetos de ângulos diferentes, não entregar a imagem direta ao espectador foi o que faltava para compor a atmosfera do mistério dos elementos e dos rituais de benzeção. Escolhi duas fotos que sintetizam os objetos utilizados pelas benzedadeiras: copo, água, tesoura e uma garrafa de fomentação fotografadas em perspectiva de topo.



Imagem 37. São Sebastião |
Fonte: <http://marceloomensa geiro.blogspot.com.br/2012/01/sao-sebastiao.html>

6. SALVO ENTREI, SALVO SAIREI, SÃO E SALVO ESTAREI

Os rituais de benzeção costumam encerrar com a benzedeira fazendo o sinal da cruz. Nessa conclusão, eu faço um último ritual, referenciando o final e início de ciclo, jogando a serragem proveniente dos altares moldura sobre o *verde* (gramado de casa), fortificando e agradecendo a energia do reino vegetal presente nessa monografia.

A expografia de “*Da terra ao ar*” diz respeito à energia da terra e/ou vegetal simbolizada pelos elementos dispostos no chão da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: copo, água, tesoura e fomentação; já a energia do ar e/ou intelecto é simbolizada pelos altares moldura. A nomenclatura do trabalho ocorreu graças à análise e seleção das palavras-chave presentes nos laboratórios conduzindo assim para terra e ar.

O processo participativo foi gratificante, logo as trocas apresentadas durante o processo foram decisivas para esse TCC. Ressalto que o processo participativo é inerente à minha família, desde minhas avós atendendo em suas residências até preparação remédios caseiros em prol do outro.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. **Aspectos da Estruturação do Self de Lygia Clark: Perspectivas Críticas**. Dissertação – Universidade de São Paulo, Instituto de Artes. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-18122013-143444/pt-br.php>> Acesso em: 24/11/2017.

BRAGA, Geslline Giovana. **Retratos da benção – usos da fotografia entre as benzedeadas de Campo Largo**. Dissertação - Universidade Federal do Paraná, . Paraná, 2011. Disponível em: < <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25959>>. Acesso em: novembro de 2017.

_____. **Altars de benzedeadas – A arte do excesso**. Trabalho apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/57981289-Altars-de-benedeadas-a-arte-do-excesso-1- geslline-giovana-braga-ufpr-pr.html>>. Acesso em: novembro de 2017.

GIANUCA, Lindsay Tarouco. **A performance do espaço de Zoé Degani: cenografias de signos e sensações, corpo-coisas e acoplamentos**. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/viewFile/61205/36512>>. Acesso em: outubro de 2017.

KÖRBES, Irmão Cirilo Vunibaldo. **Manual de Plantas Mediciniais**. 42ª edição. Francisco Beltão: ASSESOAR, 1991.

MACHADO, Carlos Eduardo. *Revisitando altares domésticos: os usos dos espaços domésticos como parte da experiência religiosa*. Revista Primeiros Estudos, São Paulo, n.2, p.144-165, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/45950>>. Acesso em: setembro de 2017. MELO, Itamar. **Curas do além**. Zero Hora Doc, Porto Alegre, p.8-10, 23 de jun. 2016.

MOURA, Ellen Dias de. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benção**. MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – JAN / JULHO, Rio Grande do Norte. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Acesso em: novembro de 2017.

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. **Medicina popular do Centro-Oeste**. 3. ed. rev. atual. – Brasília: Thesaurus, 2012. 540p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Q8IfLIxMGdkC&oi=fnd&pg=PA11&dq=pat%C3%A1&ots=kIvWurDU7h&sig=0nsMt4eCpKnys9BbIlXKMMYDI7E#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: julho de 2017.

TRINDADE, Rogério Vanderlei de Lima. **Patuás: elementos sincréticos e contextualização poética**. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, SP: [s.n], 2002. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285063> > Acesso em: outubro de 2017.

ZATTA, Irmã Maria. **A Farmácia da Natureza**. 2ª edição. Porto alegre: Gráfica Dom Bosco, 1993.

ZEN, Ana Maria Dalla; SILVA, Cláudia Feijó da; MORATES, Antonio; PORTELLA, Aline; SILVA, Daniela Amaral da; MINUZZO, David Kura. **Entre benzeduras, ervas e rezas: A ação política e cultural das benzedoras da Lomba Do Pinheiro**. SIAM. Series Iberoamericanas de Museología. Año 3, Vol. 4. 2012. Disponível em: < https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11547/57204_10.pdf?sequence=1>. Acesso em: outubro de 2017.

WARMLING, Cíntia. As benzeduras e a cultura do bairro Lomba do Pinheiro. PRAÇA, Porto Alegre, 6 julho de 2011. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/searchq=cache:8SqZ3GSu3r8J:jornalismoculturalufrgs.blogspot.com/2011/07/a-s-beneduras-e-cultura-do-bairro-lomba.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: setembro de 2017.

BLOGS e SITES

Ayrson Heráclito. Disponível em: < <http://ayrsonheraclitoart.blogspot.com.br/2009/09/bori-performance-art-oferenda-cabeca.html>>. Acesso em: julho de 2017.

LYGIA, Clark. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>>. Acesso em: 16 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

_____. In: **Biografia de Lygia Clark**. Disponível em: <<http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>>. Acesso em: 22/11/2017

Projeto Plantadores. Disponível em: <<https://artecologiaecidadania.wordpress.com/>>. Acesso em: maio de 2017.

Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. Disponível em: <<http://www.ipdae.com.br/index.php/i/museu-comunitario-9>>. Acesso em: outubro de 2017.

DOCUMENTÁRIOS

Lygia Clark: *Memórias do Corpo*. Direção: Mario Carneiro. Rio de Janeiro, 1993. Rioarte Vídeo – Arte Contemporânea. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ymjW6yVKAg>>. Acesso em: outubro de 2017.

Instalações-Rituais: documentário etnográfico sobre altares de benzedeiros por onde andou São João Maria. Direção: Geslline Giovana Braga. Funarte. Disponível em: <<https://vimeo.com/13844461>>. Acesso em: junho de 2017.

8. ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTA COM A TIA PATERNA

Tia P. nascida na área rural da cidade de Rio Pardo/RS, residente na cidade de Butiá/RS, do lar, respeitada por ser a filha mais velha entre os dez irmãos, aprendeu a benzer com um tio-avô e sua avó materna. Hoje, ela reconhece que com maior oferta da medicina tradicional (postos de saúde), a procura por benzeduras e fomentações diminuiu, todavia ela não abre mão de utilizar a sabedoria popular para ajudar quem a procura. A tia P. ainda me ensinou algumas simpatias para afastar insetos da lavoura e uma benzedura que, segundo ela, “*toda mãe precisa conhecer*”, trata-se da benzedura de quebranto (comum em crianças):

[...] outra benzedura do quebranto bastante simples [...] toda mãe precisa conhecer. Principalmente, para quem tem filho pequeno, pois pega quebranto por qualquer coisa. A mãe segura a criança no colo, movimenta fazendo o sinal da cruz e diz três vezes: foi eu quem te pariu, eu mesma te criarei e se tu estiveres com quebranto ou mal olhado eu mesmo te tirei em nome de Deus e da Virgem Maria. [...] esta benzedura faz a qualquer hora. Se perceber que a criança tá com dor, febre por causa do quebranto pode benzer. Ao contrário das outras benzeduras que tem de ser antes de entrar o sol e não pode nos finais de semana nem feriados santos. (Trecho da entrevista à tia P.)

Quem lhe ensinou a benzer?

Aprendi com minha avó, a mãe da minha mãe.

A senhora quis aprender ou ela quis lhe ensinar?

Eu quis aprender.

Quais benzeduras a senhora aprendeu?

Aprendia a benzer rendidura, queimadura, mordida de cobra, estancar sangue (a pessoa se corta a pessoa benze e estanca o sangue).

Estas benzeduras a senhora aprendeu com sua avó?

Um não foi, umas foi com meu tio-avô.

Todos da família sabiam benzer?

Sim. A minha mãe sabia muito, mas eu não aprendi com ela, mas sim com a minha avó e o tio-avô...o tio Dico. Tem coisas, se eu quiser, também benzo, sapinho na boca da criança, quebranto.

O que precisa para benzer de queimadura?

Precisa de um copo com água e um raminho.

O que precisa para benzer de rendido?

Um paninho preto, linha preta, uma xícara e água fervendo.

O que precisa para benzer de mordida de cobra?

É uma benzedura só com palavras. Já aconteceu lá em casa, se tinha um animal (uma rês ou um cavalo) mordido por cobra, minha mãe ou minha avó chegavam onde eles estavam e benziam com um raminho verde e melhoravam, eu já vi.

E para benzer de sapinho?

É com raminho verde, uma faca, um coxinho... bebedor de água das galinhas. Antes a gente não chamava de bebedor, chamava de coxo. A faca usa para cortar os raminhos que pode ser de funcho, arruda, alecrim que dá na campanha, se não tiver em casa, pode usar qualquer ervinha desde que seja verde. O cobreiro também eu benzo, é com uma frutinha verde, uma laranjinha, um limãozinho...

Como é esta benzedura do cobreiro?

A pessoa corta a fruta e depois pendura perto do fogão para secar, de acordo com que a fruta seca o cobreiro vai secando.

Alguém quis aprender alguma benzedura com a senhora?

Não.

Hoje alguém lhe procura para ser benzido?

É... aquelas pessoas vêm do interior que conhece ou sabem que eu sei me procuram.

Então não lhe procuram como antigamente?

Não. Hoje em dia a gente está aqui junto com os médicos, hospital, posto de saúde e tudo, né. A criança sente qualquer coisa já levamos no médico. E a gente está com os médicos na porta de casa.

A senhora acredita que as benzeduras e rezas aconteciam por não ter assistência médica adequada?

Por não existir no local que a pessoa morava, ser difícil acesso para chegar onde tinha um médico. Nós morávamos no interior de Rio Pardo, era muito longe do hospital da cidade e graças a Deus todo mundo se criava com benzedura. Eu mesma fui conhecer médico com quase trinta anos de idade, porque eu fui criada no interior, mas com muita saúde.

Tem alguma benzedura que se usa brasa?

Para quem está com dor de dente. Põe água em um copo, pega arruda ou outra erva verde e leva no fogo a brasa da lenha. Pegar a brasa comum a tesoura (ou outro objeto) e benzer a pessoa, depois com os ramos e colocar no copo em formato de cruz e cortar as ervas com a tesoura, porque se for o ar as brasas vão para o fundo do copo. Se as brasas não forem para o fundo, pode ir no dentista porque não é ar.

O que é ar?

O ar é a dor provocada pelo vento encanado.

A benzedura do quebranto não é com brasa também?

A benzedura do quebranto também é com brasa. E tem outra do quebranto que é para mãe benzer o filho bem simples que pode ensinar, toda mãe precisa conhecer. Principalmente para quem tem filho pequeno, pois pega quebranto por qualquer coisa. A mãe pega a criança no colo movimenta fazendo o sinal da cruz e diz três vezes: foi eu quem te pariu, eu mesma te criarei, e se tu estiver com quebranto ou mal olhado eu mesmo te tirarei em nome de Deus e da Virgem Maria.

Por quantos dias deve-se repetir?

Não, esta benzedura faz a qualquer hora. Se perceber que a criança tá com dor, febre por causa do quebranto, pode benzer. Ao contrário das outras benzeduras que tem de ser antes de entrar o sol e não pode nos finais de semana nem feriados santos.

Mas se alguém for picado por uma cobra à noite pode benzer?

Daí pode porque é urgente, o mesmo se aplica para estancar sangue.

Algumas pessoas falam que a árvore da figueira tem um significado. Qual seria para benzeduras e simpatias?

Olha eu sei que no natal a pessoa tem que comer um doce de figo. Eu até sabia, mas estou esquecida, mas pesquisa na internet que tu encontra. Estes dias eu pedi para os guris procurarem por nomes de umas árvores nativas e eles encontraram.

Estes dias eu encontrei na internet uma benzedura para ar de cabeça. Basta por um tecido sobre a cabeça, por uma garrafa com água (virada) sobre o tecido e fazer a reza. Caso a pessoa tenha dor a água borbulha. A senhora conhece essa benzedura?

Essa eu não conhecia. Existem vários tipos, por exemplo, eu benzo o cobreiro com limão porque tem em quase todo tempo. Uma vez o José estava trabalhando na floresta, pegou cobreiro e um colega o benzeu lá mesmo. Eu nem sei com o que ele benzeu, mas curou. Cada um tem um jeito de benzer e todos funcionam. Igual aquelas benzeduras de mal olhado para bicho. Uma vez nós estávamos engordando um porco para o abate e chegou uma visita falando como o porco estava bonito, gordo, uma porção de coisas assim... No dia seguinte, o porco não levantava. Daí eu fui lá, benzi o porco. Quando foi meia tarde, ele levantou, bebeu água, comeu. Benzi três vezes e ele melhorou. Realmente estava com mal olhado, não foi por maldade da pessoa ... E benzer as árvores para matar inseto. Por exemplo, lagarta, caturritinha do feijão, um cascudinho ... tu benze e vai embora, por incrível que pareça, sem precisar maltratar eles.

Será que existe alguma benzedura para espantar lesma?

Olha, eu não sei, mas a gente deveria experimentar a benzedura usada para os insetos porque aqui elas terminam com as plantações... Aqui tinha um pé de caqui chocolate, no primeiro ano deu um tipo de um cascudinho (tão interessante até eram bonitos, sabe) e comiam a guia de brotação do pé, daí eu fiz uma simpatia eles sumiram. A gente pega três cascudinho, põe numa trouxinha de tecido – de qualquer cor – e pendura na parede, de preferência quem tem fogão de lenha prende onde solte fumaça. E solta três na frente da casa. Prende três, mata três e solta os mortos na frente da casa. A mesma coisa é para as lagartinhas das hortas.

A senhora fez muitas vezes esta simpatia?

Eu me criei vendo minha família fazendo nas hortas, lavouras, nas árvores frutíferas. Antigamente não tinha agrotóxico e nós só usávamos a simpatia e benzeduras. Quando dava uma praga nas lavouras chamavam minha mãe ou minha avó para benzer a lavoura.

E a simpatia. O que é?

Olha, simpatia tem algumas. Como é que eu vou te dizer o que é uma simpatia. Tu faz uma simpatia com alguma coisa, por exemplo, se tu perder um objeto tu faz uma simpatia para encontrá-lo.

A simpatia pode ensinar diferentemente da benzedura?

Olha, eu não sei. É coisa que eu sei que existe.

Tem uma simpatia para encontrar objetos perdidos é com a cola da mulher do diabo (risos).

Como faz essa simpatia?

Pega um barbante ou tecido e amarra em uma cerca de arame farpado e diz três vezes: *te amarro cola da mulher do diabo*. Dar três nós. Os objetos aparecem depois. E quando tu achar tem ir lá e soltá-la.

E as fomentações?

As fomentações a pessoa faz com ervas, cera de abelha. Agora, hoje em dia, tem muitas fomentações que não dá para fazer por não ter acesso a matéria-prima como o óleo de animais porque a caça é proibida. Por exemplo, o óleo da capivara a pessoa fazia remédio para curar muitas doenças. A bronquite era curada como óleo de capivara, a gente pegava o óleo, apurava, e depois tomava tipo um xarope.

As fomentações são como as benzeduras que não podem ser ensinadas?

Não. Quem fazia mesmo era minha mãe sempre que alguém queria aprender ela ensinava.

Alguém era responsável por fazer as fomentações?

Sim, quem fazia já tinha pronto para quando alguém precisasse.

Era como uma farmácia?

É, as pessoas chegavam e minha mãe dava uma porção da fomentação como numa farmácia.

ANEXO II – ENTREVISTA COM A TIA MATERNA

Tia M. nasceu na cidade de Encruzilhada do Sul/RS, reside na capital gaúcha desde os dois anos. É fotógrafa, funcionária pública e técnica em administração com ênfase em cooperativismo, caçula dos três irmãos. Escolhi entrevistá-la, pois seu perfil rompe com o paradigma da benzedeira tradicional. Conhecedora da cultura afro-brasileira, aponta para o sincretismo religioso. Chamou-me a atenção como em nada ela lembra o estereótipo da benzedeira, utilizando seu *smartphone*, respondendo a primeira parte da entrevista por e-mail.

O que é benzedura?

É um recurso (alternativa) utilizado para resolver (melhorar) determinados sintomas. Para cada tipo de sintoma usa-se uma determinada benzedura. Exemplo: contratura, torcicolo, dores musculares, sapinho (normalmente dá em recém-nascido), mal olhado, dor de dente, sarampo, picada de aranha. A benzedura é uma crença popular passada de pai (mãe) para filho/a. Antigamente, a medicina tradicional nem sempre foi acessível a toda população. A Homeopatia era o recurso que havia, e muitas vezes, a própria pessoa que receitava esse tratamento praticava a benzedura como complemento. Os métodos utilizados para essa prática são os mais variados possíveis, desde um copo com água, um raminho verde, uma brasa, uma tesoura, um pedaço de tecido preto costurado com linha preta (lembrando que não devem ter sido utilizados antes). As benzeduras podem ser diferentes (os dizeres na hora de benzer) mesmo sendo para o mesmo tipo de problema. Há uma diversidade para o mesmo tipo de sintoma.

A benzedura pode ser realizada à distância usando-se uma peça de roupa da pessoa e uma terceira pessoa para responder aos “dizeres” na hora do procedimento. Em geral segue-se algumas regras: deve ser praticada à luz do dia (antes do por-do-sol), não se recomenda fazer em domingos e deve ser repetida no mínimo três vezes. Se o sintoma for muito agudo repete-se três vezes no mesmo dia. Caso contrário, pode-se repetir três dias seguidos, três sextas-feiras ou nove sextas-feiras.

A senhora aprendeu a benzer?

A benzedura que aprendi foi para tratar dores musculares, torcicolo, contratura, etc.

Quem lhe ensinou?

Aprendi com a minha mãe, que também ensinou a minha irmã e um primo nosso. Segundo ela, cada pessoa só pode ensinar a benzedura a três pessoas.

É comum seus familiares terem conhecimento das benzeduras?

Sim. Como é uma prática antiga, minha avó materna também benzia.

Alguém quis aprender a benzer com a senhora?

Como essa prática é passada de geração para geração, normalmente a pessoa que benze escolhe quem ensinará. Eu só passei para a minha sobrinha em virtude de compor o seu TCC.

Hoje as pessoas a procuram para serem benzidas? Por quê?

Somente as pessoas mais próximas que conviveram com a minha mãe, porque conhecem e confiam na eficácia desta prática. Segundo a minha mãe, a pessoa não deve se oferecer para realizar a benzedura.

O que é simpatia? A senhora conhece alguma?

Simpatia também é uma prática alternativa, porém utilizada para diversas situações, não só para tratar da saúde. Normalmente, as pessoas utilizam-se da figura de santos para fazer a simpatia. A mais conhecida é para arrumar marido, que se usa uma imagem de Santo Antônio. Também se faz simpatia quando está trovejando (chama-se benzer tormenta) ou quando está chovendo há vários dias. Nessa última, usa-se um pedaço de sabão virgem que deve ser oferecido à Santa Clara.

Qual a diferença entre simpatia e benzedura?

Simpatia, normalmente, se faz uma única vez e a benzedura deve-se repetir o processo algumas vezes.

O que é ar?

Normalmente se diz que a pessoa está com “ar nos dentes” (uma espécie de nevralgia) ou às vezes sente dor nos olhos (que ficam lacrimejando). Há uma crença de que não se pode tomar café quente ou tomar banho e “sair para o vento” porque “pega um ar”. Para esses casos existem uma benzedura que pode ser feita utilizando um copo com água e uma brasa. Depois de dizer algumas palavras, joga-se essa brasa dentro do copo. Ao contato com a água, a brasa se apaga e se ela for para o fundo, a pessoa “está com ar”. Se a brasa se apaga e fica na superfície da água, a pessoa “não está com ar”. Ao invés da brasa, algumas pessoas utilizam um raminho verde e o copo com água. Após a benzedura, esse material deve ser despachado de preferência em um gramado. Cada vez que for feita a benzedura, renova-se o material (água, brasa e raminho).

O que são fomentações?

Não sei se esta é a pronúncia correta, mas os mais antigos chamavam de “*afumetação*”. São preparados (infusões) feitos normalmente com ervas que ficavam em conserva em álcool e serviam para passar em locais com contraturas, dores e algumas vezes até em ferimentos. Também se utilizavam folhas de plantas e faziam-se aplicações com óleo de soja para casos de furúnculos por exemplo. As folhas mais utilizadas eram de mamona e laranjeira.

Vamos agora passar para a segunda parte da entrevista que será sobre os oratórios das benzedadeiras. Este é seu oratório?

Sim. A chave eu ponho junto porque na hora de sair eu lembro de pegar. A ferradura é para dar sorte, já encontrei três ferraduras e meia, eu guardo para dar sorte. Ele não está organizado, por enquanto deixo aqui porque é o armário mais firme em função dos gatos, olha a *Chispita* lá em cima.

A senhora tem santos católicos e orixás em seu oratório?

Sim. Este aqui é o São Jorge o mesmo Ogum. Lá na parede tem o São Jorge que herdei de minha mãe.

A senhora tem Ogum como seu protetor?

Digamos que sim. Eu o adotei como meu protetor. Tenho o anel dele também. Na lenda ele era ferreiro, trabalhava com ferro, nunca ouro. Na religião de matriz africana quem é filho de Ogum é ferreiro.

Mas a senhora tem São Jorge que pertence ao Catolicismo.

Eu o vejo como Ogum em respeito a nossa história africana. Esses dias eu vi num programa da TVE o depoimento de senhoras que antigamente tinham um oratório com santos católicos em cima e embaixo outro com os Orixás. Não é religião de matriz africana, é tradição de matriz africana porque na África não era considerado religião, e, sim, tradição, fazia parte da vida cotidiana o culto aos orixás.

A senhora considera-se negra?

Sim. Negro é identidade, preto é cor; logo a identidade não discrimina, e, sim, a cor.

Desde a infância a senhora tinha consciência da sua identidade?

Sim, a vida toda me enxerguei como negra. Eu nasci da barriga de uma negra, mesmo meu pai sendo branco e eu não sendo preta.

A senhora nunca frequentou alguma religião de matriz africana?

Não, nem todo negro é obrigado a frequentar, isso é um estereótipo a respeito do negro, se fosse por isso não existiria negro muçulmano.

ANEXO III – DIAGRAMAÇÃO

Inicialmente, pretendia aromatizar com ervas as folhas do texto a ser entregue à banca, todavia não me parecia suficiente, então, optei por tingi-las com extrato de beterraba e erva-mate.



Testes com extrato de penicilina | Foto: Autora | Secagem das folhas | Foto: Autora |



Secagem das folhas | Foto: Autora

ANEXO IV – FOTOS DA BANCA FINAL



Taís Fanfa – *Da Terra ao Ar*, 2017. Pinacoteca Barão de Santo Ângelo | Foto: Rejane Marques



Momento antes da defesa | Foto: Rejane Marques